

MARTÍN E SEBÁSTIAN: CONVERSAS COM DOIS JOGADORES SOBRE EMPREENDER-SE COMO JOGADOR DE FUTEBOL

MARINA DE MATTOS DANTAS*

Resumo: Estabelecer-se no mercado de atletas pressupõe uma série de experiências e procedimentos que jovens jogadores de futebol vivenciam até não serem mais tão jovens assim. Respondendo perguntas relacionadas à profissão, Martín e Sebastián, dois jogadores argentinos, apresentam faces da realidade do trabalho esportivo. À época da realização das entrevistas (2015), ambos estavam desempregados e treinavam na equipe *Jugadores Libres*, mantida pelo sindicato de jogadores da Argentina, em Buenos Aires. Essa equipe funciona para manter ativos atletas sem contrato profissional, para que possam responder prontamente a uma possível demanda de trabalho, simulando as condições de treinamento, jogo e trabalho de um clube profissional, lidando assim com uma questão recente no futebol neoliberal: a preocupação com o *descarte* de jogadores. A partir das conversas com Martín e Sebastián, apresenta-se temáticas relacionadas ao ser e não ser jogador para os profissionais e ao anonimato na profissão.

Palavras-chave: Futebol. Racionalidade neoliberal. Jogador-empresa. Desemprego. Trabalho.

Martín and Sebastián: talking with two Argentine players about undertaking as a football player

Abstract: Establishing yourself in the athletes market presupposes a series of experiences and procedures that young soccer players experience until they are not so young anymore. Answering questions related to the profession, Martín and Sebastián, two Argentine players, presents faces of the reality of sports work. At the time of the interviews (2015), both were unemployed and training in the *Jugadores Libres* team, maintained by the Argentine players' union in Buenos Aires. This team works to keep athletes without professional contract active in the profession, so that they can respond promptly to a possible demand for work, simulating the conditions of training, play and work of a professional club, dealing with a recent issue in neoliberal football: the concern with the disposal of players. From the conversations with Martín and Sebastián, themes related to being and not being a player anymore are presented with the anonymity in the profession.

Keywords: Soccer. Neoliberal rationality. Player-company. Unemployment. Work.

* Doutora em Ciências Sociais (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, com período sanduiche na Universidad de Buenos Aires). Professora substituta na Universidade Federal do Piauí e professora convidada no Instituto de Educação Continuada da PUC Minas. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7109-6690>. E-mail: marinamattos@gmail.com.

1 INTRODUÇÃO

No es fácil la vida de jugador de futbol...

Entre jogadores mais ou menos célebres ou anônimos, dificilmente encontramos por aí algum deles que não concorde com a afirmativa de Sebastián. E afirmo isso não como quem conversou pontualmente com dois jogadores que aparecem nesse texto compondo algumas discussões sobre o futebol como trabalho, mas também como pesquisadora atenta a esse campo já há algum tempo. Contudo, isso não significa que neste artigo haja a pretensão de tecer uma história totalizadora sobre ser jogador de futebol: a ideia é oferecer alguns pensamentos relacionados à tensão entre ser e não ser jogador para atletas que se *empreendem* em carreiras esportivas e ao anonimato na profissão na qual ganha relevo o seu desenvolvimento como atividade econômica.

Martín e Sebastián, jogadores que apresento pelos seus nomes reais, embora pouco conhecidos sejam da grande massa de torcedores, transpõem a ideia de anonimato que os acompanha: sempre relativo, embora constante na trajetória de jogadores profissionais que buscam se firmar no mercado. Ao mesmo tempo em que são seus nomes reais, Martín e Sebastián são nomes muito comuns na Argentina, que por si só pouco os destacam em meio a outros jogadores. Ambos são argentinos, brancos, cisheterossexuais, de famílias que podemos considerar de arranjos normativos em suas relações raciais e de gênero. Ambos pais, casados com as mães de seus filhos, no início dos seus 30 anos quando aceitaram me conceder as entrevistas, em julho de 2015.

Como é comum entre jogadores que não figuram nas grandes vitrines do futebol, Martín¹ e Sebastian² em seus aproximadamente vinte anos de uma carreira que se inicia na infância, haviam circulado por alguns clubes e ainda buscavam momentos de estabilidade no futebol.

Na esperança de um bom contrato, quando os conheci ambos participavam do projeto *Jugadores Libres*, mantido em Buenos Aires pelo sindicato (*Futbolistas Argentinos Agremiados – FAA*). O projeto funciona como um emulador de clube, na perspectiva de simular o ambiente mais próximo possível de um clube profissional, mantendo os atletas sem contrato em atividade enquanto não se recolocam no mercado.

Partindo de elementos levantados por ocasião da pesquisa de doutorado³, este artigo expõe os pensamentos dos jogadores citados sobre a sua profissão e apresentam faces da realidade do trabalho esportivo, engendrados nas relações entre o jogador-empresa, família, empresários e resiliência no futebol. Entre ser e não ser jogador e o trabalho em outras atividades.

FUTEBOL NEOLIBERAL

O futebol é um acontecimento social difuso, em que coexistem diversas formas de praticar e torcer. Dentre as diversas faces que pode assumir, o futebol masculino profissional é a versão incontestada do esporte contemporâneo que tem como característica principal o seu desenvolvimento como atividade econômica.

É a matriz espetacularizada do futebol (DAMO, 2007) que compreende a modalidade organizada em nível mundial pela FIFA (*Fédération Internationale de Football Association*), associação privada que promove os campeonatos, dita as normas de relação entre os clubes e gerencia o mercado de jogadores. A FIFA tem como organização argentina correspondente a AFA (*Asociación del Fútbol Argentino*), responsável por organizar a prática profissional desse esporte naquele país. A essa teia de instituições, entrelaçam-se estado e empresas que subsidiam clubes, campeonatos e jogadores. Em linhas gerais, é assim que se desenha o chamado futebol profissional no período atual.

O espetáculo futebolístico promovido por essas entidades com o auxílio das empresas investidoras, estado e das mídias especializadas, é o principal produto do futebol profissional, que compõe e é composto por uma série de outros elementos. Nessa relação, o jogador de futebol habita diversos territórios existenciais nos quais, para além de outros atravessamentos que o compõem, é *capital humano*, na medida em que é produtor direto do espetáculo futebolístico; *peça* modelada para funcionar de uma forma específica dentro de campo (FLORENZANO, 1998); e também *produto* (DAMO, 2007), na medida em que é modulado para ser comercializado entre os clubes. Esses componentes estão imbricados na formação e produção do atleta, a qual também produz subjetividades, transformando, gradualmente, o menino jogador em atleta profissional.

A noção de futebol neoliberal que apresento se sustenta na genealogia dessa produção de subjetividades que pode ser observada no futebol de tempos passados. Algumas de suas continuidades e descontinuidades podem ser conhecidas por meio dos trabalhos de Florenzano (1998) e Damo (2007), que se concentram, de maneiras diversas, visando tipos de futebol diferentes, porém complementares, na formação/produção e, podemos dizer, também na construção de jogadores de futebol. As noções de *jogador-peça* e *jogador-produto*, desenvolvidas, respectivamente, nos trabalhos citados, entrelaça a noção de *jogador-empresa* (DANTAS, 2017), inspirada em Foucault (2008), como versão atualizada e dependente das relações anteriormente estabelecidas nessa trama.

O jogador, nessa história, nem sempre foi profissional, peça e produto. Na história do futebol, várias práticas e disputas o instituíram, criando efeitos de poder como o jogador-peça, descrito por Florenzano como um soldado a serviço da equipe máquina, disciplinado para obedecer e servir; o jogador-produto/mercadoria, compreendido por Damo como efeito da formação do atleta que, simultaneamente, converte-se na produção de uma mercadoria para o mercado de jogadores; e, nos últimos anos, como jogador-empresa⁴. Esse último, o *empreendedor de si*, é produto e empresário de si mesmo, correspondendo a certo efeito de poder produzido no encontro do futebol com a racionalidade neoliberal. O jogador, nesse sentido, deve empenhar-se em aprimorar não somente sua técnica, mas também sua conduta e tudo que contribua para formá-lo enquanto *capital humano* desejável no mercado.

Dessa maneira, a pesquisa da qual Martín e Sebastián participaram buscou adentrar a realidade de jogadores profissionais que não se encontravam nas grandes *vitrines* do futebol nacional e internacional, considerados pelos clubes e empresários como produtos menos valorizados no mercado – muitas vezes em situação de desemprego e pobreza –, porém necessários para manter o funcionamento das competições da máquina futebolística que atrai investidores e consumidores-torcedores. Esses atletas habitam uma gama de possibilidades de ser jogador e de produzir futebol, quase esquecida diante do espetáculo, ainda que integre sua composição, correspondendo à maioria dos atletas profissionais. Junte-se a isso jogadores celebridades que amanhã podem não mais ser famosos, pois os anônimos da atualidade estão envolvidos em uma mesma razão de governo que os abarca, independentemente da posição que ocupam no mercado futebolístico. Com ou sem almejar voos maiores, estão atravessados pelos mesmos discursos da racionalidade neoliberal que os interpelam a empreender. Nesse sentido, os anônimos aos quais me refiro se distanciam de jogadores que sustentam os territórios de um *futebol infame* ou *futebol menor*, como apresentado por Rigo et al. (2005). Eles compõem esse futebol atividade econômica neoliberal.

VACAS PREMIADAS

Ainda que, no âmbito do torcer, a rivalidade entre Brasil e Argentina seja muitas vezes mencionada, principalmente pela mídia especializada, em relação ao espetáculo esportivo, ambos os países guardam muitas semelhanças e complementaridades quanto à maneira como formam/produzem jogadores.

Com base no discurso de uma paixão que não se compra e nem se vende, muita coisa se faz comprar e se faz vender (ALABARCES, 2014). Dentre essas *coisas* estão os jogadores, como afirmava Damo: "poucos são os espaços sociais que, na atualidade, convertem, sem restrições éticas, pessoas em coisas, como no futebol" (DAMO, 2007, p. 68).

Nos dois países, notadamente, o futebol é aclamado como elemento de uma cultura popular que se transforma em um negócio rentável com base na comercialização de jogadores, clubes, campeonatos e outros produtos deles derivados.

Se o sucesso da "brasilidade" no futebol durante um tempo foi uma construção do "mito das três raças" (brancos, índios e negros), no qual o negro era tido como "responsável pela forma 'espontânea' de usar o corpo em *dribles*, *malandragem*, *jogo de cintura*, sem qualquer esforço ou aprendizagem" (GUEDES, 2002, p. 15), o sucesso da *criollización* do futebol argentino estava no sangue europeu e na "terra: dos pampas argentinos, generosa, fértil e produtora de vacas e jogadores habilidosos" (ALABARCES, 2014, p. 37), como se referia o jornalista argentino Eduardo Lorenzo, mais conhecido como Borocotó, a respeito dos jogadores do início do século XX. Afirmção semelhante à de Nelson Rodrigues em uma de suas crônicas após a Copa de 1970, na qual comparava os jogadores a vacas premiadas⁵.

Guedes sinaliza que, no processo de naturalização desses estilos, “na forma pela qual são compreendidas as habilidades e capacidades valorizadas como ‘produto’ [...] é que são registradas as clivagens maiores entre o modelo argentino e o modelo brasileiro” (GUEDES, 2002, p. 14).

Por mais que o saber científico tenha diferenciado as vacas dos jogadores na segunda metade do século XX, algo desse pensamento essencialista permanece nos dias atuais. Embora o discurso da técnica e do treinamento seja predominante: “o futebol latino-americano se constrói sobre um narcisismo exacerbado, que precisa comprovar que olhar nos mostra o espelho: e o espelho deve ser a Europa” (ALABARCES, 2014, p. 48). Ambos os países exportam, não somente jogadores, mas, também, esses estilos de jogar e de torcer que ganharam fama pelo mundo e que se tornaram referência na América Latina. O mercado europeu, o consumidor de jogadores mais cobiçado por atletas, clubes e empresários do ramo, é entendido como o ápice da carreira de sucesso de qualquer jogador. Mas, de certa forma, Brasil e Argentina também são para a América Latina o que a Europa é para os dois países.

Seja no Brasil ou na Argentina, estabelecer-se no mercado de atletas pressupõe uma série de experiências e procedimentos que jovens jogadores vivenciam até não serem mais tão jovens assim. Quando os conheci, Martín e Sebastián viviam um momento limite entre ser e não mais ser jogador de futebol, não somente pelas várias situações passadas de desemprego no anonimato circunstancial, mas também pela idade que demanda dos atacantes a adaptação a outras posições em campo e um novo entendimento em relação à velocidade de seus corpos, que desaceleram progressivamente. A conversa com os dois, em momentos diferentes, conduzia-nos a reflexões sobre os caminhos percorridos, em meio às quais destaco pontos de vivências considerados particulares da profissão de jogador, que diferencia o jogar futebol de outras atividades profissionais.

EMPREENDER-SE NO ANONIMATO

A competitividade entre os atletas de um mesmo clube foi um dos pontos ressaltados pelos atletas: *Bueno, es un ambiente muy competitivo, donde, muchas veces, uno se desilusiona por la competencia. No pense que tiene amigos. Y por ahí sus amigos no son tan amigos [Sebastián]*⁶.

Apesar de o futebol ser um esporte coletivo, os jogadores anunciam um elemento de competitividade entre os atletas, elemento esse que, nos momentos iniciais da carreira e durante os testes, é uma das diferenças marcantes entre jogar bola por diversão e fazer da atividade profissão. Depois, a preponderância desta individualidade estará submetida ao planejamento tático, de técnicos, comissões técnicas ou equipe multidisciplinares em função do *coletivo*, podendo ou não facilitar individualidades na partida e/ou na relação entre os jogadores, produzindo lideranças valorizadas. Mesmo para aqueles que conseguem se manter dentro dos jogos de interesses nas categorias de base, um contrato profissional entre os 18 e 20 anos não é garantido. A iminência de ser dispensado está constantemente presente para os jovens futebolistas que driblam as incertezas de sustentar um modo de vida considerado mais ou menos estável, diante do *rodar*⁷ que a profissão exige, entre o interesse de um clube e outro, de um empresário e outro, e de sua família.

Ainda que esses jogadores não possam ser reduzidos a uma dimensão econômica, para manter-se em atividade, tão importante quanto saber gerir a vida financeira do jogador é saber governar-se nesse mercado. Os empresários, no coloquial, ou agentes, termo formalmente mais utilizado, são criadores e gestores de oportunidades para os atletas, “investidores no mercado de ações futuras. De algum modo, todos são, desde os próprios meninos, seus familiares, os formadores, os dirigentes dos clubes” (DAMO, 2007, p. 329). Embora sejam figuras muito presentes no meio futebolístico, os jogadores com os quais conversei dizem não ter contrato fixo com algum empresário, mas, sim, estabelecer relações pontuais, conforme a necessidade de emprego, com um mediador ou outro que os ajude a encontrar oportunidades. Sobre esta relação, Martín comentou:

Voy intentando me conectar con alguno o con otro, pero no tengo una persona que maneja a mí. Quisieras mucho, pero, en la realidad, es que nunca encontré alguien de confianza o lo que sea como para confiarme y firmar. Y nunca se me presentó, siempre busqué porque sí.

Mais ou menos presentes em cada trajetória de jogadores, a figura do agente é importante na gestão do *descarte*, da dispensa de jogadores (DANTAS, 2017), quando não como gestores de suas carreiras, mas como gestor de oportunidades para os jogadores sem emprego.

A quantidade de atletas que saem das categorias de base por ano ultrapassa a capacidade de absorção pelo mercado. No entanto, muitos continuam circulando entre os clubes, ou por fora deles, em tentativas de se estabelecer como jogador. No discurso da *sustentabilidade*, os clubes são convocados a se responsabilizar pelo dano causado àqueles jogadores que produz e descarta.

De maneira geral, notam-se dois movimentos na circulação de jogadores que se conectam a partir do valor de sua imagem (DANTAS, 2017): um movimento impulsionado pelo alto valor desta, caso não somente dos jogadores famosos, mas, também, das *promessas* (jogadores novos que se destacam em um clube ou campeonato e que são impulsionados, no mercado, pela probabilidade, pela aposta de um bom contrato por vir); e outro movimento produzido pela dispensa, pelo descarte, pelos que persistem na profissão apesar das adversidades, e que marca, mais profundamente, como a direção de suas condutas os tornou *resilientes*. Este último circuito é destino, embora não único, do jogador anônimo, dos jogadores que saem das categorias de base e que, embora para as lentes dos grandes meios de comunicação sumam no mercado, continuam a alimentá-lo.

Sobre a resiliência no futebol, o jogador deve saber se conduzir diante das adversidades, tornando-se adaptável às circunstâncias difíceis. Segundo Oliveira (2012), a resiliência atrela-se à *sustentabilidade* e ao *empreendedorismo*, refazendo o lugar da vítima do sistema em negociador que se adaptar ao mercado. É o suportar violências, dores, sofrimentos, sendo flexível e melhorando a conduta esperada para ser incluído.

CIRCULAÇÃO E INSTABILIDADE

Duas perguntas destinadas aos interlocutores remetiam ao início de suas experiências com o futebol: “Qual é a sua história com o futebol?” e “Como começou a jogar profissionalmente?”. Apesar de serem questões distintas, não raramente os interlocutores começavam a narrar a sequência dos clubes pelos quais passaram como resposta para ambas. E por essas trajetórias é possível vislumbrar os fluxos da circulação desses jogadores. Se no Brasil há uma intensa migração de jogadores em início de carreira para as regiões sul e sudeste do país, que os espalham para outras regiões e países, na Argentina a circulação mais intensa começa com os jogadores já mais velhos, na idade de se tornarem profissionais. A concentração de clubes de maior expressão midiática está na região sudeste do país, principalmente em Buenos Aires.

As competições nacionais e regionais profissionais são organizadas pela AFA (*Primera División* e *Primera División B Nacional*). No início de cada ano, os clubes profissionais da primeira divisão disputam o *Torneo de Verano*, competição amistosa que funciona como uma espécie de pré-temporada para os clubes que excursionam por algumas das principais cidades do interior do país (Mendoza, Córdoba, Mar del Plata). A Copa Argentina é disputada por clubes das diferentes divisões de todo o país. Os campeonatos regionais do interior do país são organizados pelo *Consejo Federal*, órgão que aglutina 220 ligas, 3.500 clubes afiliados e cerca de 900 mil jogadores⁸. Os torneios do interior são mais regionalizados e divididos por zonas, bem como o torneio metropolitano. Já a primeira divisão A e B comporta clubes de todo o país, embora haja uma concentração de clubes de Buenos Aires. Tanto os torneios metropolitanos quanto os do interior dão acesso aos torneios nacionais.

Embora a *Primera B Nacional* seja menos valorizada por torcedores e jogadores acostumados a disputar a primeira divisão, ela está longe de ser o campeonato de menor visibilidade e investimento. Em meados dos anos 2010, Greco dizia que “aquele jogador da divisão de acesso que podia superar 300 partidas, fazer 150 gols, ser ídolo e não chegar à Primeira Divisão, já é parte do passado” (2014, p. 47). Um clube argentino disputa no máximo três competições por temporada, e a eliminatória dos torneios do interior faz com que os clubes desclassificados que saem nas fases iniciais não joguem por um período de até dez meses. A questão de formar mais do que o mercado absorve está relacionada à falta de competições para a maioria dos clubes se manterem ativos o ano todo, deixando o jogador, em muitos casos, dentre os anônimos, sabendo que há hora marcada para ficar desempregado e sem perspectiva de conseguir outro contrato. Consequentemente, esses jogadores circulam mais, como aconteceu com Martín e Sebastián.

Assim, a racionalidade neoliberal produz um mercado de disponibilidades e de descartes jamais imaginado. Ao mesmo tempo em que instiga a produção de jogadores baseada na elasticidade do mercado globalizado, produz um exército de reserva de *capital humano* volumoso. Para se manter nesta reserva, mais importante do que o *talento e a habilidade* é a produção de sujeitos *resilientes* para jogar ou esperar uma suposta oportunidade no futebol, ou em qualquer ocupação na qual demonstrem sua adaptabilidade.

A circulação é também vivida pelos jogadores famosos. É valorizada como experiência pelos jogadores de carreiras de sucesso, ou seja, mais visíveis no mercado, nos clubes, nas federações e nas mídias, como os participantes do estudo de Rial (2008). Nas relações com os clubes e o empreendedorismo, não se faz mais pertinente o sindicato para além das formalidades jurídicas esperadas. Lugar de passagem na trajetória instável. Sobre essa instabilidade, Martín a expressou como uma das peculiaridades da profissão:

Yo recalco sobre todo, sobre la vida de jugador de futbol, la inestabilidad. [...] Un jugador de futbol, primero, puede pasar de la noche a la mañana, de tener todo, de estar barbaro, a no tener nada y estar sin laburo, de vivir 6 meses en cada lugar. Como en mi caso, como fue el caso de varios, que pasan 6 meses acá, 6 meses allá. Otro dia hablaba con un compañero [...] y había vivido el año pasado en La Barria, en Mendoza, y ahora está viviendo en Mar del Plata. Y es un año y medio. ¿Que clase de laburo te dá esa inestabilidad? De no saber donde vas a vivir, entre, no sé, dos meses. Arrancas en una temporada que no llega a ser un año y no sabes donde vas a vivir la siguiente. Sin hablar que los contratos son cortos.

De contrato em contrato, e, muitas vezes, exercitando outras atividades enquanto estão sem clube, esses jogadores circulam não somente por cidades e países, mas, também, entre ser e não ser jogador no redemoinho de dúvidas sobre continuar ou não na profissão.

SEM CONTRATO

O que regulamenta a profissão de *futbolista* na Argentina, além da *Ley de Contrato de Trabajo* (20744/1976), é o *Convenio Colectivo de Trabajo* nº 557/2009, uma atualização do antigo *Convenio* (nº 430/75) negociado entre FAA e AFA.

Diferentemente da Lei Pelé, que regula todo o desporto profissional e não profissional no Brasil, o *Convenio Colectivo de Trabajo* regula, especificamente, a profissão de jogador de futebol, considerando como *futbolista profesional* aquele que “se obrigue por tempo determinado a jogar futebol integrando equipes de uma entidade desportiva que participe de torneios profissionais, em troca de uma remuneração” (Art. 2).

Fora dessa situação, o jogador pode se considerar “*libre de contratación*” (art.3/3) ou “*en libertad de contratación*” (art.4). Na Lei Pelé, essa condição do atleta aparece indicada como “passe livre” ou “livre para transferir-se”; na mídia especializada, costumam ser chamados de “sem clube” quando saem de um clube grande, e “desempregados” quando saem de um clube pequeno. Nas equipes de jogadores desempregados dos sindicatos, eles são chamados de “jogadores sem contrato”. Em inglês, os sindicatos utilizam a expressão “*out of contract players*” que pode ser traduzida como “jogadores fora de contrato”. Todas essas designações são utilizadas para nomear a situação de jogadores que não exercem momentaneamente a função de jogador em um clube profissional. Contudo, isso não significa que esses atletas estejam sem uma ocupação ou sem desenvolver uma atividade remunerada. Porém, se o atleta pretende manter-se trabalhando como jogador, ele não pode apenas esperar a oportunidade. Há uma série de cuidados com o corpo aos quais ele precisa estar atento.

No convênio coletivo de trabalho, estão expressas 11 obrigações do futebolista, das quais três são relevantes para se entender esse imperativo de manter-se ativo, mesmo sem emprego: 1) “Manter e aperfeiçoar suas atitudes e condições psicossomáticas para o desempenho da atividade”; 2) “Jogar com vontade e eficiência, pondo na ação o máximo de suas energias e toda a sua habilidade como futebolista”; 3) “Ajustar seu regime de vida às suas obrigações” (557/09,

art. 17, §2). Há a ordem de que o jogador deve ajustar sua vida ao trabalho. É sabido que, nos contratos entre os clubes e os jogadores, não raramente, são adicionadas cláusulas referentes a penalizações por conduta que coloque em risco o corpo do atleta e/ou a imagem do clube. Essas condições são vistas pelos jogadores como sacrifícios necessários para se manter na profissão:

Pero, bueno, y después como decía [...] hay que sacrificar muchas cosas, porque cuando todos despejan vos trabajas, el sábado, el domingo, que es el día que la gente va el descansa. Es su trabajo, trabajas toda la semana para eso. Tiene que cuidarse de su alimentación, en las salidas... Pierdes muchas cosas. Yo en cuatro años y medio estuve afuera, uno pierde el día con la familia, con amigos, se pierde [...]. Se pierde en unas cosas y se gana otras. En la verdad es un mundo que te tienes que gustar, tienes que tener pasión si non no te vá a gustar [Sebastián].

Estas haciendo un trabajo donde es muy vocacional, es puro sentimiento, después, puede tener la suerte o no de vivir muy bien o muy mal, sobre todo porque estás trabajando en algo que te da pasión, eso que para mí es lo más importante, creo que en todo aquilo que trabajas se hace con pasión es mucho más gratificante que cualquier otra cosa. Después, las cosas que vives, tienes horas diarias, hace un juego... la gente, no sé, para alquilar en un fin de semana cualquier una canchita de cualquier lado están alquiladas, tiene que poner plata, por acá se hace todos los días y te pagan, eso es... están pagando para hacer un juego que vos juegas de chiquito y es lo que más te gusta. Esa es una realidad, después tiene muchísimas realidades, pero, bueno, es una elección [Martín].

Ambos situam a paixão como necessária para a profissão. Martín ressalta, como vantagem de seu trabalho, poder jogar futebol todos os dias e ainda ser pago para isso, embora expresse que essa não é a realidade de todos. Paixão de jogador para saciar a paixão do torcedor e a felicidade de ambos. E o sonho do jogador, diferentemente do torcedor, de fazer o que deseja e quer. A felicidade do mercado, entretanto, não é parelha à paixão. Ela é calculada e lucrativa, a do torcedor é uma sensação e a do jogador, a de apenas permanecer jogando, contratado ou em busca de um contrato.

EQUIPES DE JOGADORES SEM CONTRATO

O mercado exige do jogador desempregado a mesma conduta e cuidados do corpo que ele teria trabalhando em um clube. Mas os jogadores não fazem isso porque assim está escrito na lei: o fazem porque sabem que sem isso as chances de voltar a jogar diminuem. Em suma, o desemprego é sempre iminente, mas estar desocupado é algo raro. Entre o desemprego e a desocupação, há as equipes que mantêm os jogadores ocupados, sem remuneração, para que estejam sempre aptos a serem negociados.

Embora haja registros desse tipo de assistência de treinamento por sindicatos desde os anos 1980⁹, na América do Sul, é ao final dos anos 2000 que sindicatos de jogadores de vários países começam a aderir à prática com maior constância. Esses torneios objetivam que os jogadores fora de contrato exponham seu preparo físico e seu talento para um público de técnicos e clubes em um esforço para continuar a carreira de jogador profissional.

De maneira geral essas equipes oferecem ao futebolista espaço e materiais para que continue treinando enquanto não se reinsere no mercado de trabalho, simulando as condições de treinamento de um clube, mantidas com a arrecadação do próprio sindicato¹⁰. Esses projetos têm como premissa manter atletas sem contrato profissional ativos na profissão para que possam responder prontamente a uma possível demanda de trabalho.

O título de campeão, embora desejável em qualquer campeonato, no caso das competições organizadas pelos sindicatos é um objetivo secundário. Para os desempregados, o objetivo

principal de qualquer partida é sair dela com uma boa oportunidade em algum clube. Os jogadores vão aos torneios em busca de um contrato ou, no mínimo, de uma visibilidade mais ampla no mercado, tendo em vista que os principais espectadores (e não torcedores) da competição são agentes, dirigentes, olheiros, treinadores e outros integrantes de comandos técnicos que têm, dentre suas funções, descobrir talentos e selecionar jogadores para compor as equipes nos clubes nos quais trabalham. Por intermédio de jogos amistosos e campeonatos específicos, os jogadores esperam ser mostrados e competitivos.

Na equipe *Jugadores Libres*, até 2015, cerca de 1200 jogadores haviam passado pelo projeto. Destes, estima-se que 35% saíram empregados em clubes dos torneios federais A e B e da *Primera B Metropolitana* e de vários clubes do exterior, segundo me informou o coordenador do projeto na época. A maioria dos atletas que lá aportam vêm da Capital Federal ou da Grande Buenos Aires, permanecendo cerca de seis meses treinando na equipe. Há um equilíbrio entre a posição dos atletas. Sebastián conheceu a equipe na primeira vez que voltou da Itália sem clube e Martín em um amistoso contra a equipe, do qual participou quando jogava pelo Deportivo Armenio.

Había vuelto de Italia y no tenía adonde entrenar, estaba acá había unos dos meses más o menos, y, bueno, me presenté, me aceptaron, me dejaron entrenar, y cada vez que volvía entrenaba con ellos y la última vez que ya volví para quedarme empecé a entrenar de nuevo [Sebastián]

Hace un año, estuve averiguando porque cuando había estado en Armenio, un amistoso que habíamos hecho y me acordé. Yo en ese momento había vuelto de Uruguay y hacia dos, tres meses que ya no hacía nada, digamos, y yo tenía que seguir jugando. Empecé a averiguar cómo sería la forma y me acordé de que había jugado un partido con el Gremio y averigüé... [Martín]

Embora lugar de passagem, não raramente os retornos são frequentes, como no caso dos dois jogadores. Martín e Sebastián já tiveram mais de uma passagem pela equipe *Jugadores Libres* e recorrem sempre a ela toda vez que ficam sem clube. Os contatos entre jogadores e ex-jogadores alimentam esse circuito, de forma que não somente circulam entre si em decorrência de uma rejeição, como também contam com certa colaboração entre eles. São jogadores, ex-jogadores e técnicos que se encontram pela vida entre um emprego e outro.

Enquanto houver a esperança de um contrato que os remunere bem, os jogadores não dispensam os treinos. Consideram estar na equipe como um lugar de espera ativa da boa oportunidade. A rotina de treinamentos é diária, de 2ª a 6ª, das 9h às 12h. Não há partidas aos sábados e domingos. Há algumas exigências para treinar na equipe:

[...] solo tiene que ser jugadores profesionales y tienen que estar libres. Esas son las condiciones para poder entrenar ahí. Después, la idea es no estar mucho tiempo ahí, desde que te brinden en entrenamiento para que estas en competencia y cuando surja un equipo que te ha interesado, puedas partir. Se hacen partidos amistosos con equipos para poder estar junto a equipos profesionales y todo. Y a veces algunos jugadores pasan en estos equipos [...] Hacemos prácticamente lo que se hace en cualquier equipo, pero con la diferencia que no somos un equipo, no competimos, no tenemos la competencia que tiene un equipo profesional [Sebastián].

A competição à qual Sebastián se refere é entre equipes. Porém, como mencionado, esses jogadores estão sempre competindo uns contra os outros ou consigo mesmos por um contrato no jogo do futebol neoliberal. Fora de campo, os sindicatos prestam outras assistências específicas a esses jogadores:

[...]tienen la parte de cobertura médica, [...]además brindan muchos cursos. Por ejemplo: hay chicos que non terminan el colegio e los ayudan a terminar [...]. Tienen becas para estudiar en la universidad, hacen cursos... Nosotros ahora en miércoles tenemos un curso de RCP – Reanimación Cardiopulmonar. Es para que se cale alguien, se carece de un para cardiaco o algo [Sebastián].

Esses cursos abrangem tanto temáticas úteis aos jogadores para se manter em condições de ser empregado (nutrição, primeiros socorros), quanto para gerenciar sua carreira (gestão financeira, confecção de vídeos, oratória desportiva, curso de línguas), e, também, visando à preparação do atleta para outros mercados. A FAA também oferece cursos de línguas e bolsas de estudos para completar o ensino médio ou ainda uma carreira universitária, além de palestras e oficinas para se aprender um novo ofício ou aprimorar o jogador como capital humano para o mercado da bola.

Es algo como le decía, a veces no sabes dónde vas a vivir, en que ciudad o en qué país también. Uno que tiene familia por ahí tiene que ser aun trabajador. [...]. Hablando de mi rutina en si yo, bueno, yo tengo que trabajar también. Entonces, bueno, me llevo a la mañana resuelvo quien cuida mis hijas en este momento y vengo a entrenar. Bueno, entreno y normalmente por hoy estoy haciendo un horario diferente de que hacía, entonces entreno por la mañana, vuelvo a casa, veo a mi familia y a la tarde me voy, tipo 6 de la tarde, me voy a trabajar y vuelvo dos y media, una de la noche [Martín].

Os jogadores que transitam pelo desemprego desempenham outras atividades para se manter. Sebastián empreende-se em outros mercados, possuía uma loja de vinhos e iniciava-se no ramo das roupas. Martín cuida das filhas durante a tarde e trabalha à noite em um bar. Ambos estão prestes a concluir em algum momento: *porque el fútbol termina, la verdad termina. Y para que después del fútbol llegue a ver a una solución [...]* [Sebastián].

Bueno, yo siempre tuvo que trabajar. En otra época estudiaba también. Estudiaba veterinaria, pero, bueno, por cuestiones del fútbol, tuve que dejar. Y poco tienes elección también, porque... había hecho como tres años pero no me llenaba. [...] En realidad, a mi yo estoy ya en una edad que me gustaría saber lo que seguir o como seguir, o estudiar algo porque me interesa [...]. En la realidad es que a veces cuesta saber una vocación diferente. En el fútbol, sí, me encantaría seguir de alguna forma. Sobre todo entrenando y no de otra forma quizás [Martín].

Aos 29 anos, Martín não gostaria de ser garçom depois de parar de jogar bola profissionalmente. Sebastián, aos 31, se prepara para esse momento, por dispor de mais tempo:

[...] a mi paso dos años que volví de afuera y con el tema de la vinoteca y todo no era lo que más me gustaba y empecé con el tema de la ropa y me estoy muy enganchado, pero eso también es personal. No es fácil la vida de jugador de fútbol...

A relação dos dois jogadores com as outras atividades que desempenham é diferente. Para Martín, trabalhar como garçom é provisório, para não ficar sem renda. Para Sebastián, são vistas como uma alternativa ou transição de carreira.

Ahora, bueno, volví de Malta y pusimos una vinoteca (para venta de vinos) en el centro. A una cuadra del Obelisco y ahora arranqué con una marca de ropa y estoy muy dedicado a eso. La vinoteca queremos venderla, así que ya me estoy mirando eso, pero mientras entreno ahí

con los jugadores libres y viendo. Se sale algo muy bueno me iría de nuevo, sí? Sino... Ya estoy en momento para ir soltando [Sebastián].

Interessante notar que ambos não estão interessados em qualquer oportunidade, estando à espera de um contrato no exterior ou algum outro que lhes apresente garantias de um bom trabalho. Dois dias após a entrevista com Sebastián, o técnico da equipe informou-me que o jogador havia decidido parar de treinar e se dedicar integralmente aos outros projetos.

DESEMPREGADOS, SIM. DESOCUPADOS, NUNCA!

Nessa perspectiva é fundamental não situar os jogadores em questão como vítimas do jogo para além das “quatro linhas”, mas questionar como e até que ponto o jogam ou rompem com ele. Ser ou não ser jogador de futebol não é apenas uma questão de empregabilidade. Envolve paixões, desejos, interesses, apostas e projetos, não somente do atleta, mas também daqueles que viabilizam as oportunidades de realização desse “sonho”: família, empresários, investidores.

Ser jogador de futebol envolve, também, sempre estar em busca de oportunidades, circular na instabilidade do mercado flexível que não favorece aqueles que não têm um nome, ou melhor, uma marca que lhes garanta uma confiabilidade como jogador. Em vários momentos durante essa circulação, alguns jogadores se denominam ou são denominados desempregados, situação que os leva a circular mais e mais.

No caso dos jogadores que passam pela situação do anonimato, uma circulação intensa é motivada por rejeições dos clubes pelos quais passaram, nem sempre porque o trabalho não lhes agradou, mas por não terem como manter os jogadores que empregam. Circular é se empreender nesse mercado, buscando a boa oportunidade, e se aprimorar como capital humano para estar em condições de aproveitá-la quando aparecer. É construir visibilidades, para que a oportunidade de empregar-se e sair do anonimato apareça. Para isso, em um mercado tão competitivo, é importante se ocupar, mantendo-se ativo, esportivamente produtivo, sempre em condições de jogo ou de emprego. É preciso permanecer resiliente.

Em meio a essa realidade, as equipes de jogadores sem contrato colaboram com a gestão do descarte de jogadores, propiciando a estes o sonho do aprimoramento de seu capital humano e, principalmente, mantendo-os fisicamente em forma, tecnicamente preparados e, quando possível, competitivos e visíveis em um mercado no qual a imagem do atleta é um elemento fundamental na composição da renda do jogador, o que separa os *grandes* dos *pequenos* jogadores-empresa. Complementam a modelagem e a modulação dos atletas, funcionando de maneira colaborativa com os clubes.

Mas, ao contrário do que possa sugerir, esses desempregados não aceitam qualquer coisa para se empregar. Muitos, como Martín e Sebastián, desempenham outras atividades remuneradas, sejam provisórias ou no intuito de transitar para outros mercados, e não aceitam qualquer proposta para jogar. Contudo, por vezes, aceitam jogar em troca da visibilidade possível.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALABARCES, P. *Héroes, machos y patriotas: el fútbol entre la violencia y los medios*. Buenos Aires: Aguilar, 2014.
- DAMO, A. *Do dom a profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França*. Porto Alegre: Hucitec. 2007.
- DANTAS, M. *Cartografias de um campo invisível: os anônimos jogadores do futebol brasileiro*. 2017. 251 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Faculdade de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.
- FUTBOLISTAS ARGENTINOS AGREMIADOS (FAA) Y LA ASOCIACION DEL FÚTBOL ARGENTINO (AFA). *Convenio Colectivo de Trabajo N°557/09*. Entre la FAA y la AFA. 2009.
- FLORENZANO, J. *Afonsinho e Edmundo: a rebeldia no futebol brasileiro*. São Paulo: Musa, 1998.
- FOUCAULT, M. *Nascimento da biopolítica*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- GRECO, A. *Maldita B: historias del descenso em el fútbol*. Buenos Aires: Ediciones B, 2014.

- GUEDES, S. De *criollos* e capoeiras: notas sobre futebol e identidade nacional na Argentina e no Brasil. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM CIÊNCIAS SOCIAIS (ANPOCS), 26., 2002, Caxambu. *Anais...* São Paulo: ANPOCS, 2002.
- OLIVEIRA, S. *Política e resiliência: apaziguamentos distendidos*. *Ecopolítica* – Revista quadrimestral do projeto temático FAPESP, PUC-SP, São Paulo, n. 4, p. 105-129, set./dez. 2012.
- RIAL, C. Rodar: a circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior. *Horiz. antropol.*, Porto Alegre, v. 14, n. 30, p. 21-65, dez. 2008.
- RIGO, L; PARDO, E; FIGUEIREDO, M; RODRIGUES, A; SILVEIRA, V. Memórias de corpos esportivizados: a natação feminina e o futebol infame. *Movimento*, Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 131-146, maio/ago. 2005.
- RODRIGUES, N. *À Sombra das chuteiras imortais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

NOTAS EXPLICATIVAS

- ¹ Martín nasceu em Salidero, cidade a 560 quilômetros de Buenos Aires. Mudou-se para a Capital Federal aos nove anos para estudar e jogava em clubes de bairro. Atacante de 29 anos, jogou em vários clubes do interior da Argentina: Claypole, Argentino de Quilmes, Yupanque, Desportivo Armenia (clubes da *Primera C e D*, quarta e quinta divisão argentinas). Depois foi para o Uruguai, jogou em vários clubes, dentre eles o Montevideo Wonderers e Plaza Colonia, da primeira divisão. Trabalhava também como garçom na época em que conversamos. Estava recém egresso do Uruguai.
- ² Sebastián, atacante de 31 anos. Nascido em Buenos Aires, jogou no Desportivo Armenia, Yupanque e Platense. Jogou quatro anos e meio na Itália em divisões secundárias e um ano na primeira divisão em Malta. Trabalhava como representante de uma marca de roupas.
- ³ As histórias de Martín e Sebastián compuseram uma cartografia sobre a emergência da racionalidade neoliberal no futebol profissional e seus impactos na profissão de jogador na condição de anonimato (DANTAS, 2017).
- ⁴ Cabe ressaltar que tais noções não se excluem no tempo, circulando no universo futebolístico até os dias de hoje.
- ⁵ “[...] Mas eu queria um favor dos entendidos, ou seja: que admitissem a forma física dos nossos jogadores. E lançassem um manifesto, proclamando: As vacas premiadas somos nós!” (RODRIGUES, 1994, p. 157).
- ⁶ Na transcrição das entrevistas realizadas com os jogadores, optei por manter a língua espanhola para que a sonoridade e as intenções dos depoentes fossem preservadas o quanto possível. Já as citações de autores argentinos foram traduzidas livremente.
- ⁷ Noção trabalhada por Rial (2008).
- ⁸ AFA. *Consejo Federal*. Disponível em: <<https://www.afa.com.ar/es/pages/consejo-federal>>. Acesso em: 29 jul. 2021.
- ⁹ O primeiro registro feito pela FIFPro desse tipo de assistência de treinamento foi em 1985 no futebol italiano.
- ¹⁰ No caso argentino, os clubes são responsáveis por recolher a cota sindical dos atletas e repassá-la à FAA. Além disso, a AFA deve organizar duas partidas anuais da seleção nacional – convocada com jogadores locais, desde que as datas não entrem em conflito com os interesses da instituição – em benefício do sindicato (557/2009).

Recebido em julho de 2021
Aceito em setembro de 2021